

O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DE UMA MODALIDADE: O PARKOUR ENQUANTO PRÁTICA ESPETACULARIZADA

RAÍSSA RAMOS CHAGAS

Universidade Federal do Paraná / Brasil
raissa.chgs@gmail.com

JEFERSON ROBERTO ROJO

Universidade Federal do Paraná / Brasil
jeferson.rojo@hotmail.com

VANIA LUCIA GIRARDI

Universidade Federal do Paraná / Brasil
girardivania@gmail.com

Resumo

Entendendo Parkour como uma disciplina física com o intuito de salvamento em situações de perigo, reconhece-se uma espetacularização da mídia sobre a movimentação do Parkour, ignorando ou desvalorizando suas bases ideológicas. Para grande parte dos traceurs, nomenclatura utilizada para denominar os praticantes de Parkour, esta prática urbana é antagonista a competições, sendo que a única competição é o praticante do Parkour contra ele mesmo, levantando princípios de auto superação. Tendo como problemática central a esportivização da modalidade Parkour, pergunta-se qual o estado atual do Parkour? Este estudo teve como objetivo analisar os conflitos entre os praticantes de Parkour, quanto ao processo de esportivização da modalidade sob um olhar a partir das teorias de Pierre Bourdieu e identificar o estado atual da prática Parkour no processo de esportivização. Para abordagem deste tema foi realizada uma pesquisa bibliográfica relacionada ao Parkour e conceitos de habitus, campo e capital de Pierre Bourdieu. Concluímos que há grandes possibilidades de uma aceitação coletiva da esportivização do Parkour, mesmo que a longo prazo reconhecendo as tensões entre os campos, e ressaltando a sobreposição de leis universais do campo econômico sobre o subcampo da prática do Parkour.

Palavras-chave: Parkour; Espetacularização; Esportivização.

El proceso de deportivización de una modalidad: el Parkour como práctica espetacularizada

Resumen

Entendiendo al Parkour como una disciplina física con el fin de rescate y salvación en situaciones peligrosas, se reconoce una espectacularización mediática acerca del movimiento Parkour, ignorando o desvalorizando sus bases ideológicas. Para la mayoría de los traceurs, nomenclatura usada para referirse a los practicantes del Parkour, esta práctica urbana es antagónica a las competencias, siendo la única competencia que existe es del practicante de Parkour contra sí mismo, siguiendo los principios de auto superación permanente. Teniendo como problemática central la deportivización del Parkour,

nos preguntamos ¿cuál es su estado actual? Este estudio tuvo como objetivo analizar los conflictos entre los practicantes de Parkour, respecto al proceso de deportivización de la práctica según la óptica de Pierre Bourdieu e identificar el estado actual de la práctica de Parkour en el proceso de deportivización. Para abordar este tema, se llevó a cabo una revisión bibliográfica relacionada al Parkour y los conceptos de *habitus*, campo y capital de Pierre Bourdieu. Llegamos a la conclusión de que hay grandes posibilidades de reconocimiento a nivel colectivo de la deportivización del Parkour, aunque sea a largo plazo, reconociendo las tensiones entre los campos, y haciendo hincapié en la superposición de las leyes universales del campo económico sobre el subcampo de la práctica de Parkour.

Palabras clave: Parkour; Espectacularización; Deportivización.

The process of “sportivization” of an activity: parkour as a spectacularized practice

Abstract

Understanding Parkour as a physical activity that primarily had rescuing purposes, it is well known that the media publicizes about the movements involved in the practice of Parkour, either ignoring or devaluing its ideological bases. For most traceurs – an expression used to refer to Parkour practitioners –, this urban practice is antagonistic to competitions, as the only competition is of the Parkour practitioner against himself, pushing their boundaries as a principle. The main problematic of this study concerns the “sportivization” of Parkour. Thus, what is the current state of Parkour? This study aimed to analyze the conflicts among Parkour practitioners towards its “sportivization” process, based on Pierre Bourdieu's theory, and to identify the current state of Parkour practice during this process. In order to approach this subject, a literature review related to Parkour and concepts of *habitus*, field and capital of Pierre Bourdieu was carried out. We conclude that there are great possibilities of a collective acceptance of Parkour as a sport, even though it may take a long time to happen – recognizing the tensions between the fields, and emphasizing the overlapping of universal laws on the economic field over the subfield of Parkour practice.

Key-words: Parkour; Spectacle; Sportivization.

Introdução

Originado na França, mais especificamente nas cidades de Lisses, Sarcelles e Évry, localizadas no entorno de Paris, o Parkour pode ser definido como uma prática corporal ou disciplina, que concilia habilidades naturais como: escalar, correr, saltar, andar sobre quatro apoios, equilibrar-se, com o principal objetivo de tornar o corpo mais ágil, fluente e eficaz em qualquer espaço possível (Angel, 2011; Stramandinolli et al., 2012). Originalmente chamado de *parcours*, que em francês significa “percurso” ou “trajeto”, também é conhecido como *l'art du déplacement* ou arte do deslocamento (Angel, 2011).

O Parkour pode ser considerado um método de treinamento com o objetivo de que o sujeito se torne autônomo fisicamente utilizando apenas o próprio corpo para se salvar (Stramandinolli et al., 2012) e salvar outros, visando a economia de energia para chegar de um ponto a outro, ultrapassando obstáculos que possam surgir no trajeto durante o combate e o resgate de si e de outros (Leite et al., 2011). Foi desenvolvido, a partir de conceitos do Método Natural de George Hébert e do método de treinamento militar francês *Parcours du Combattent* (percurso dos combatentes) (Stramandinolli et al., 2012).

Para Marques (2010) o Parkour pode ser considerado “estilo de vida”, “arte urbana” ou “filosofia de treinamento”, possui elementos de liberdade e espontaneidade lúdica, mas também uma disciplina corporal, que se transforma em uma ferramenta para suportar os riscos e os medos que estão presentes na vida social. Praticado em qualquer ambiente, o Parkour atinge maior visibilidade no meio urbano, se caracterizando como uma prática não hegemônica na cidade, pois se destaca pelo padrão de movimento diferente do curso comum dos pedestres (Angel, 2011).

Ainda que a visibilidade do Parkour esteja em destaque na mídia (com produção de clipes musicais e filmes hollywoodianos), este não representa que suas bases ideológicas sejam compreendidas pela população (Carvalho & Pereira, 2008). Esta espetacularização mostra apenas movimentos resultados de anos de prática e não evidencia seus princípios de altruísmo e longevidade (Stramandinolli et al., 2012).

No Brasil, o Parkour teve o início de sua divulgação através da internet em 2004, onde jovens principalmente de São Paulo e Brasília começaram a praticar e estudar a filosofia da modalidade (Stramandinolli et al., 2012). O acesso à internet nesta época, se coincide com o período de Governo, do então presidente Lula, em que houve um fortalecimento na questão social, inclusão social e no âmbito da política científica e tecnológica (Serafim & Dagnino, 2011), numa tentativa de democratização à tecnologia.

Pouco tempo depois, em 2005 foi criada a Associação Brasileira de Parkour, objetivando promover encontros, estabelecer regras de conduta e manter características como esporte livre, sem ser competitivo e que estimulasse a auto superação (Stramandinolli et al., 2012).

Nota-se no Brasil uma tentativa, ainda que em desenvolvimento, de esportivização da prática, tendo em vista que já aconteceram três competições no país, ambas na cidade de São Paulo (Red Bull, 2011; Globo TV, 2015; Globo TV, 2016). Entretanto, grande parte dos praticantes não consente com esta tendência realizando protestos e manifestos tanto em redes sociais quanto pessoalmente contra estas competições (De cima do muro, 2011; Pro Parkour, 2015).

Partindo da contextualização do fenômeno, este trabalho constitui-se de uma reflexão sobre onde a prática Parkour se enquadra no processo de esportivização, utilizando de ferramentas teóricas sobre os conceitos e análises de Pierre Bourdieu. Tendo como problemática central a esportivização da modalidade Parkour, pergunta-se qual o estado atual do Parkour?

Consideramos o Parkour como um subcampo, onde nele se encontra agentes, a qual nós subdividiremos em “ortodoxos”, os agentes que já estão presentes no subcampo anteriormente, e os “heterodoxos” que reconheceremos como os novos agentes que compõe o subcampo do Parkour.

Parkour: Um Breve Histórico

Dentre os envolvidos na origem e desenvolvimento do Parkour, se destacam Yann Hnautra e David Belle, este último mais reconhecido. Tanto Yann, quanto David tiveram pais militares, que influenciaram no desenvolvimento de disciplina, enfrentamento do medo e perseverança dos dois jovens que moravam na periferia (Angel, 2011).

O pai de David, Raymond Belle, sofreu abuso sexual pelo tio na infância, e para que este fato não se repetisse passou a realizar práticas corporais, afim de estar preparado em situações de risco. O trauma e o modo de enfrentá-lo, foram fatores que o levou a seguir a profissão de bombeiro. David Belle, teve forte influência de seu pai que o ensinou o método de treinamento ainda sem nome próprio mas que ele e Raymond costumavam chamar de “*parcours*” muito inspirado nos métodos “*parcours du combattant*”, utilizado pelos bombeiros franceses que em uma tradução literal significa “percurso de combate”, e no Método Natural de Educação Física de Georges Hébert. Além desta modalidade, David Belle desenvolveu o gosto pelas práticas como atletismo, ginástica artística, escalada e artes marciais (Angel, 2011).

Dos preceitos desenvolvidos por George Hébert em seu método, um deles foi reproduzido no processo e criação do Parkour, de que as capacidades atléticas deveriam ser combinadas com coragem e altruísmo, dando sentido ao seu lema “ser forte para ser útil” (Angel, 2011).

Garcia (2008) apresenta que no Parkour a única competição existente é do praticante contra si próprio, ou seja, a superação conquistada ao passar do tempo com o treino. Sendo superações psicológicas como medo e insegurança; e superações sociais com destaque a aceitação da família e da sociedade. O desenvolvimento da autoconfiança, além da socialização para os praticantes de Parkour, faz com que os *traceurs*, possuam um forte sentimento de altruísmo e ajuda mútua dado os preceitos filosóficos inerentes ao Parkour.

Segundo Marques (2010) os *traceurs* não aprovam competições por não acreditar em elites, ou em formas de distinção entre os participantes por meio de hierarquia de habilidades. No entanto, competições em algumas partes da Europa e Estados Unidos, foram realizadas, tendo como patrocínio marcas que estão agregadas a cultura jovem, como bebidas energéticas (Red Bull, 2011).

Marques (2010) ainda relata que o Parkour está formado por um enunciado antiesportivo, pois para ser considerado esporte seria necessário a existência de competições, federações e outros aspectos do processo de esportivização. Nota-se uma tensão contínua entre o Parkour ser esporte, estilo de vida, arte urbana, ou filosofia de treinamento.

Há uma forte tendência dos *traceurs*, não serem adeptos a competição em virtude da saúde do atleta, pois leva o praticante a desregular o seu treino, no seu ritmo pessoal, e focar no alto rendimento, sendo conduzido a lesões crônicas (Marques, 2010). Silva et al. (2011) afirmam que, para os *traceurs*, o Parkour se assemelha aos esportes, entretanto não é considerado um esporte, sendo que a competição é

rejeitada com veemência, evidenciando que muitos praticantes definem o Parkour como um estilo de vida.

Pensando em práticas corporais que se assemelham ao Parkour neste sentido, podemos listar: *skate* e *bmX*, que são modalidades urbanas e que encontram resistência em relação à esportivização (Bastos, 2006; Honorato, 2004; Carvalho & Pereira, 2011).

Em relação aos estilos de vida, guardadas as devidas especificidades e considerando as diferenças existentes no contexto em que desenvolveram-se tais conceitos, Bourdieu (2002b) destaca o seguinte:

[...] os produtos sistemáticos dos *habitus* que, percebidos em suas relações mútuas segundo os esquemas do *habitus*, tornam-se sistemas de sinais socialmente qualificados como “distintos”, “vulgares”, etc. A dialética das condições e dos *habitus* é o fundamento da alquimia que transforma a distribuição do capital, balanço de uma relação de forças, em sistema de diferenças percebidas, de propriedades distintivas, ou seja, em distribuição de capital simbólico, capital legítimo, irreconhecível em sua verdade objetiva (Bourdieu, 2002b: 164).

Referente ao estilo de vida dos praticantes de Parkour, perante aos treinos, se preconiza a capacidade de resistir aos desafios impostos pelo meio, tais como “persistir”, “superar”, e “ser livre”, utilizando os obstáculos do ambiente para desenvolver a resistência do indivíduo no âmbito físico, cognitivo e afetivo (Silva et al., 2011).

O subcampo do Parkour

Buscando realizar uma análise do Parkour, seguindo os passos de investigação de Bourdieu, procuramos criar uma relação com o Parkour e alguns conceitos cunhados pelo autor, *habitus*, campo e capital.

Para Bourdieu (2001), o *habitus* é um fator estrutural, onde o sujeito é um agente social que constrói sua realidade social. O *habitus* produz práticas, individuais e coletivas, em conformidade com os esquemas engendrados pela história. Ele é o resultado do trabalho de inculcação e de apropriação necessário para que esses produtos da história coletiva, que são as estruturas objetivas, consigam reproduzir-se sob a forma de disposições duráveis, em todos os organismos duravelmente submetidos aos mesmos condicionamentos, colocados, portanto, nas mesmas condições materiais de existência. (Bourdieu, 1994).

A partir do *habitus* identifica-se a ação social nas relações entre as estruturas incorporadas de ação e as estruturas objetivas - regras de ação, educação formal, gostos, relações de produção e concorrência de cada espaço social (campos). Bourdieu (2001), afirma que a prática humana é um encontro do *habitus* com o campo, levando o ator social a desenvolver um senso prático.

A ideia básica da noção de *habitus* estabelece que a incorporação gradativa das práticas faz com que as ações percam a condição de práticas estruturadas e comecem a parecer práticas naturais, constituindo-se "estruturas estruturadas estruturantes," viabilizando a vida social. (Andrade, 2012).

A prática é ao mesmo tempo necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada imediata, porque ela é o produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma (Bourdieu, 1994). De acordo com Ortiz (1994) o *habitus* enfatiza a dimensão de um aprendizado passado.

Neste contexto podemos perceber que o conceito de *habitus* está presente no Parkour, principalmente quando se enfatiza suas origens. O Método Natural que alicerça o Parkour enquanto prática, engloba forças físicas e morais, sua base considera que qualquer educação física deveria incluir dois componentes: uma seria o aprendizado voltado para a educação do corpo e outra focada na aplicação e desenvolvimento dessas habilidades em situações da vida real.

Os princípios que fundamentam o Parkour como uma disciplina são as aplicações dessas habilidades em uma formação para a vida, onde o sujeito torna-se útil para adaptar-se a qualquer ambiente e circunstância. Sabendo que para um organismo se adaptar envolve sua capacidade de mudar o ritmo, velocidade e amplitude de acordo com suas necessidades (Gentis, 2010). Como consequência dessa adaptação, o indivíduo torna-se apto a ajudar a si e ao próximo. Este aspecto engendra um conjunto de valores éticos e morais apropriados pelos praticantes de longevidade, altruísmo e senso de comunidade (Andrade & Cunha, 2009), muitas vezes interpretados de forma antagônica às competições.

Reconhecendo o *habitus* associado ao conceito de campo, se faz importante discorrer sobre esse conceito. Bourdieu define "campo de poder" o lugar em que se colocam em relação campos e capitais diversos. É aí que se confrontam os dominantes dos diferentes campos, "um campo de lutas pelo poder entre detentores de poderes diferentes" (Corcuff, 2001: 54).

Todo campo se caracteriza por agentes dotados de um mesmo *habitus*. O campo estrutura o *habitus* e o *habitus* constitui o campo (Bourdieu, 1992). A estrutura do campo é dada pelas relações de força entre os agentes e as instituições que lutam pela hegemonia no interior do campo, isto é, o monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital específico de cada campo. A forma como o capital é repartido dispõe as relações internas ao campo, isto é, dá a sua estrutura (Bourdieu, 1983).

Ao referirmos sobre o Parkour, observamos um subespaço social, dentro de um espaço social, ou seja, o subcampo do Parkour dentro do universo do campo esportivo. Leitura semelhante feita com o voleibol por Marchi Jr (2001).

Dentro do subcampo do Parkour, há a circulação de agentes dotados de *habitus* inerentes ao subespaço social, e também possuidores de *habitus* pessoais. O que influenciam suas tomadas de decisões e ocasionam as tensões ocorrentes no subcampo. Os agentes estão posicionados no espaço social em distintos níveis, o que é ocasionado pela distribuição, e acúmulo de capital econômico e capital simbólico (BOURDIEU, 2002b).

O acúmulo de capital de diferentes naturezas, e os diversos tipos de *habitus* em que possuem os agentes que permeiam o subcampo do Parkour, faz com que os interesses e as propostas para a modalidade sejam distintas para os grupos que permeiam o subcampo. Ficando assim evidente uma tensão entre eles, ao qual abordaremos. O Parkour é uma prática competitiva?

A espetacularização do Parkour

Os seres humanos para se desenvolver, se preservar e se proteger em seus ambientes naturais desenvolveram habilidades como andar, correr, saltar, equilibrar-se, andar em apoio dos quatro membros, conhecido também como movimento quadrupedal, escalar, levantar, atirar, nadar, defender-se. Com o tempo, não se buscou desenvolver estas capacidades naturais e úteis. Esse é um ponto chave que justifica o Parkour não apenas como um esporte de aventura ou uma atividade com objetivo apenas na ludicidade, mas também a necessidade de manter o corpo preparado para situações de risco, para sobrevivência e desenvolvimento de um condicionamento físico útil (Stramandinolli et al., 2012).

Entretanto, em um primeiro olhar, enquanto movimentação do corpo no meio urbano, o Parkour pode parecer subversivo e radical, sendo atrativo para aqueles que não o conhecem. O início da divulgação do Parkour pela mídia se deu a partir de um vídeo publicitário da BBC (*Rush hour*), clipes musicais (*Madonna - Jump*), além de filmes hollywoodianos (*B13*, *Tracers*, *007 - Cassino Royale*) (Stramandinolli et al., 2012). Além da exposição pela mídia tradicional, nota-se a grande participação dos praticantes no ciberespaço através do Youtube. No Brasil, também é válido ressaltar a inclusão do Parkour na trama da novela destinada ao público adolescente *Malhação*, em que o protagonista era praticante da modalidade (Gshow, 2014). Entendemos desta forma o processo de espetacularização em que menciona Marchi Jr. (2011).

Para Proni (1998), a espetacularização do esporte, é um processo que se iniciou na sociedade burguesa e que foi potencializado em sua máxima na sociedade de massa. Entendemos que a relação que o Parkour tem com a espetacularização, está na proposta de utilização da prática da modalidade em filmes, clipes, novelas, que são formas de comunicação que atraem um grande público, tanto por meio dos cinemas, televisão e internet.

Analisando a transformação a qual passou, e continua passando, o Parkour, se transformando de uma prática romântica e filosófica por parte de seus praticantes pioneiros para uma prática acrobática que

enche os olhos dos consumidores dos meios de comunicações contemporâneos. Podemos relacionar com o trabalho de Marchi Jr. (2001), onde o autor afirma que as manifestações contemporâneas estão pautadas em princípios capitalistas, de consumo de bens, serviços e entretenimento.

Entendendo o Parkour como uma prática que possui praticantes, e também simpatizantes, com um potencial de consumo, justifica-se a modalidade ser regida pela lógica do mercado (Marchi Jr., 2001), o que conduz ao processo de espetacularização em que observamos acontecer com o Parkour.

Redes sociais e Parkour

O primeiro contato de “campo” com *tracuers* deu-se no ciberespaço, o Parkour foi fortemente difundido através de sites que permitem a divulgação de vídeos amadores, sendo neste espaço onde os pontos estruturais no Parkour sintetizam-se. Ao refletir o papel do vídeo na prática do Parkour pode-se aproximá-lo da dança, pois o seu processo de aprendizagem e transmissão é essencialmente mimético (Marques, 2010).

Pela possibilidade de troca de informações e agregações sociais múltiplas, a internet e o ciberespaço em si têm auxiliado na projeção em âmbito mundial de inúmeros grupos sociais, práticas e culturas (LEMOS, 2008). Na modalidade do Parkour, esse fenômeno não poderia ser diferente, em pouco tempo a prática se propagou na rede mundial, conseguindo assim uma grande popularização, e um reconhecimento de âmbito mundial (Stramandinolli et al., 2012).

Além da projeção da prática, os praticantes também têm usado as redes sociais para interação e troca de informações entre os mesmos, devido à grande rapidez do meio. Sendo, no início uma ferramenta utilizada para trocar informações sobre movimentação causada pela constante busca por desenvolvimento técnico dos praticantes, em parte resulta na troca de experiências e elaboração de discursos sobre a prática geralmente divulgados pelo ciberespaço (Carvalho & Pereira, 2008).

Atualmente pode-se observar a existência de mais de 100 grupos na rede social Facebook relacionadas ao Parkour no Brasil, sendo válido ressaltar que não ocorrem apenas discussões acerca dos movimentos técnicos, mas também sobre os conceitos com bases filosóficas que seus praticantes acreditam.

Neste meio que se deflagram as principais discussões acerca da esportivização do Parkour. Tendo em vista que há um grande interesse por parte dos praticantes de não conhecer apenas fisicamente a modalidade, mas também ter um aprofundamento conceitual do mesmo. Esta situação fica clara com o acontecimento do 1º Congresso de Parkour em 2012 (Ponto B, 2012). Por mais que esta iniciativa se mostre significativa para o desenvolvimento da modalidade, percebe-se está sendo a única iniciativa de discussão teórica sobre o Parkour. O que se vê são discussões on-line a partir dos grupos de redes sociais, além de muitos sites e blogs relacionados ao Parkour e acompanhados pela comunidade.

Um exemplo desta conduta por parte dos praticantes, foi em relação ao Desafio Urbano, realizado pela emissora de televisão Rede Globo, que causou forte resistência pela comunidade do Parkour no Brasil. Tanto no período de filmagens dessa competição até o momento de exibição da mesma. A forma que os praticantes optaram por se manifestar foi através do ciberespaço, para expressar opiniões a favor do dito Desafio Urbano, mas principalmente para manifestar contra o evento de cunho competitivo (Pro Parkour, 2015).

As tensões do subcampo do Parkour

Permeiam o subcampo do Parkour vários agentes, e seguindo o que é proposto por Bourdieu, são dotados de *habitus*, e fazem suas escolhas a partir desse princípio gerador. Como esses agentes possuem objetivos e escolhas distintas, geram assim tensões dentro do subcampo. Para o autor essas tensões, lutas, é o que geram a manutenção ou transformação do campo/subcampo.

O espaço social global como um *campo*, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura (Bourdieu, 1996: 50).

Reconhecemos empiricamente uma tensão que denominaremos de processo de esportivização do Parkour. Os agentes que analisaremos atuando nesse campo de forças, defendendo os objetivos distintos entre eles, são, exclusivamente, os praticantes da modalidade. Vamos definir aqui os agentes/praticantes “ortodoxos”, que são os praticantes do Parkour, se não desde seu início, com um tempo de prática considerável, ou que conserve suas ideologias primárias. E os agentes/praticantes “heterodoxos”, que são os novos praticantes do Parkour, ou que defendem uma alteração na prática posta.

Para Bourdieu (1996) essa distinção entre os agentes novos e os que já se situam no campo possuem, também, outras nomenclaturas. A partir das tensões, conflitos, ocasionados pelas disputas de interesses dentro do subcampo, que acarretam ou não, mudanças nesse espaço social, há a possibilidade de ocorrer interferências externas.

Assim, as relações de força entre os "conservadores" e os "inovadores", os ortodoxos e os heréticos, os velhos e os "novos" (ou os "modernos") dependem fortemente do estado das lutas externas e do reforço que uns e outros possam encontrar fora. (Bourdieu, 1996: 65).

Em nosso estudo observamos que as influências externas contribuem, fortemente, nas relações de forças entre os praticantes ortodoxos e os praticantes heterodoxos. Os reforços gerados pela espetacularização e reforços midiáticos sobre a prática da modalidade, contribuem para o desequilíbrio para uma das partes que se encontram nessa disputa, mais especificamente reforçam a luta dos praticantes heterodoxos, que são os que anseiam por mudanças na prática do Parkour.

Pensando em como o Parkour se originou como um método e seus princípios até aqui apresentados, houve tensões acerca da incorporação de saltos mortais/acrobáticos à prática. Questiona-se muito a utilidade em uma situação de risco destes movimentos em um trajeto. Outra tensão presente no processo de desenvolvimento do Parkour é em relação a comercialização e profissionalização do ensino da prática, remetendo a origem do Parkour baseada em princípios como altruísmo não poderia ser permitido ou coerente cobrar pelo ensino de uma prática natural e solidária. Neste sentido há poucos grupos e empresas que comercializam aulas de Parkour no Brasil (Ponto B Parkour - Curitiba; Tracer Parkour - São Paulo; Parkour Brazil Team - São Paulo; Parkour Generations Brasil - Brasília e São Paulo), que começam a ser reconhecidos e valorizados pela comunidade de *traceurs* no Brasil.

Atualmente o principal embate que se desenrola no quadro do Parkour nacional é a questão da aceitação ou não de competições relacionadas à prática. Entretanto, há de se reconhecer que apesar da resistência interna, o capital econômico se faz presente neste conflito.

Neste caso, reconhecemos os praticantes “ortodoxos” do subcampo, que são aqueles praticantes conservadores da prática pura e sem competições, e os praticantes “heterodoxos”, aqueles que concordam e apoiam um Parkour competitivo, mercantilizado e atraente para o capital do campo econômico.

Um dos principais argumentos do grupo heterodoxo para a esportivização do Parkour, se baseia na concepção de que políticas públicas são destinadas para a disseminação de esportes, e isto se evidencia quando o interesse do mesmo é para esportes de rendimento, havendo assim um grande interesse em esportivizar o Parkour, pensando que desta forma teriam mais espaços físicos para a prática além de investimento financeiro para a disseminação da mesma enquanto reconhecida como esporte. Tal contexto pode ser verificado no trabalho de Coakley (2014), onde o autor destaca o fato de que, tornar-se um esporte “oficial” acrescenta um “status especial” para a modalidade, aumentando sua visibilidade, participação, patrocínio e apoio da comunidade em geral para a prática.

Atualmente o Parkour no Brasil é organizado a partir de Associações, não sendo, portanto legalmente reconhecido como esporte, que necessitam estar institucionalizados a partir de confederações e federações.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo analisar os conflitos entre os praticantes de Parkour, quanto ao processo de esportivização da prática sobre um olhar a partir das teorias de Pierre Bourdieu, onde notamos que as práticas são condicionadas pelo campo e geradas pelo *habitus*, fazendo com que os agentes se comportem de maneira orquestrada em determinadas circunstâncias.

O Parkour, em sua origem, apresenta valores de resistência, altruísmo, auto superação e enfrentamento do medo. Estes preceitos filosóficos muito influenciaram a maneira que os primeiros praticantes (ortodoxos) percebiam a modalidade, ocasionando tensões de acordo com as mudanças sociais acerca do mundo social que permeiam o Parkour. Visto que, praticantes mais recentes (heterodoxos) a partir de outros preceitos e vivências relacionados à modalidade percebem o Parkour sob uma perspectiva diferente, agregando novos sentidos e significados à esta prática.

O processo de espetacularização pela mídia tanto convencional, como no ciberespaço acerca do Parkour, somado a existência de competições no Brasil e no mundo, são fatores que contribuem para o desenvolvimento de características do esporte contemporâneo na modalidade. Mesmo havendo resistências em relação à temas conceituais de praticantes, esta se mostra quase superada pelos praticantes, sendo pela incorporação de acrobacias e comercialização do ensino da prática.

Neste sentido, há grandes possibilidades de uma aceitação coletiva acerca das competições relacionadas ao Parkour, e a partir disto da esportivização como um todo, mesmo que à longo prazo reconhecendo as tensões entre os campos, e ressaltando a sobreposição de leis universais do campo econômico sobre o campo da prática do Parkour.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. I.; CUNHA, F. P. (2009). **Esportes Urbanos em João Pessoa**. Relatório final de Projeto de extensão. Universidade Federal Da Paraíba. João Pessoa.
- ANDRADE, P. (2012). Agência e Estrutura: O conhecimento praxiológico em Pierre Bourdieu. **Estudos de Sociologia**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 12. n. 2, p. 97-118.
- ANGEL, J. (2011). **Ciné Parkour**. França: Brighton
- BASTOS, B. G. (2006). Estilos de vida e trajetórias sociais de skatistas: Da “vizinhança” ao “corre”. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano. Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- BOURDIEU, P. (1983). **Questões de Sociologia**. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- BOURDIEU, P. (1992). **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, P. (1994). Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática.
- BOURDIEU, P. (1996). **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papius.
- BOURDIEU, P. (2001). **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, P. (2002a). **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense.

- BOURDIEU, P. (2002b). **A Distinção: crítica social do julgamento**. Rio Grande do Sul: Zouk.
- CARVALHO, R. & PEREIRA, A. L. (2008). Percursos Alternativos – O Parkour enquanto fenômeno (sub)cultural. Anais do VI Congresso Português de Sociologia. *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa
- COAKLEY, J. (2014). **Sports In Society: Issues and Controversies**. 11. Ed. Ed. McGrall Hill.
- CORCUFF, P. (2001). Das estruturas sociais às interações. In: **Novas sociologias: construções da realidade social**. Bauru: EOUSC. p. 3386.
- DE CIMA DO MURO. (2011) **Protesto no Art of Motion**. Disponível em <<http://decimadomuro.com.br/protesto-no-art-of-motion/>>. Acesso em 22/05/2015
- DE CIMA DO MURO. (2010) **Parkour, Free Running, Arte do deslocamento, o que eu treino afinal?** Disponível em <<http://decimadomuro.com.br/parkour-free-running-arte-do-deslocamento-o-que-eu-treino-afinal/>>. Acesso em 26/05/2015
- GARCIA. B. J. (2008). **O Parkour. O desenvolvimento do indivíduo que pratica essa atividade física**. Disponível em: <http://jupersonal.freevar.com/artigo_parkour.html>. Acesso em 25/05/2015
- GENTIS, B. Unindo movimento e saúde. In.: BOLSANELLO, D. P. (Org). **Em pleno corpo: educação somática, movimento e saúde**. Curitiba: Juruá, 2010.
- GLOBO TV. (2016). Desafio Urbano: Brasileiro Bird vence a competição de Parkour. Disponível em <<http://globoplay.globo.com/v/4713865/>> Acesso em 04/02/2016
- GLOBO TV. (2015). Chamada Esporte Espetacular - Parkour Desafio humano. Disponível em <<http://globo.com/rede-globo/globo-esporte/v/chamada-esporte-espetacular-parkour-desafio-humano/3869730/>> Acesso em 22/05/2015
- GSHOW. (2014) Saradíssimo! Para fazer Ben, Gabriel Falcão aprendeu a praticar Le Parkour. Disponível em <<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2013/Extras/noticia/2013/07/saradissimo-para-fazer-ben-gabriel-falcao-aprendeu-a-praticar-le-parkour.html>>. Acesso em 26/05/2015.
- HONORATO, T. (2004). **Uma História do Skate no Brasil: do Lazer à Esportivização**. Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História.. Campinas.
- LEITE, N.; AGUIAR JUNIOR, R. S.; CIESLAK, F.; ISHIYAMA, M.; MILANO, G. E.; STEFANELLO, J. M. F. (2011). Perfil da Aptidão física dos praticantes de Le parkour. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v .17, n. 03.
- LEMOS, A. (2008). **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina
- MARCHI JR., W. (2001). “Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- MARQUES, R. (2010) Cidade Lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de parkour em São Paulo. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática.
- PONTO B. (2012). 1º Congresso Brasileiro de Parkour. Disponível em <<http://www.aulasdeparkour.com.br/1%C2%BA-congresso-brasileiro-de-parkour/>> Acesso em 25/05/2015
- PRONI, M. W. (1998). Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PRO PARKOUR BR. (2015). Manifestações Desafio Urbano de Parkour. Disponível em <<https://proparkourbr.wordpress.com/2015/01/04/manifestos-desafio-urbano-de-parkour/>> Acesso em 22/05/2015

RED BULL. (2011). Freerunning: Red Bull Art of Motion São Paulo - Video Highlights. Disponível em <http://www.redbull.com/cs/Satellite/en_INT/Video/red-bull-art-of-motion-sou-paulo-video-highlights-021243067555334> Acesso em 22/05/2015

RIOS, G. S. (2005). O Processo de esportivização do taekwondo. **Revista Pensar a Prática**, v. 8, n. 1.

SERAFIM, M. P.; DAGNINO, R. P. (2011). A Política Científica e Tecnológica e as Demandas da Inclusão Social no Governo Lula (2003-2006). **O&S**, Salvador, v.18 – n.58, p. 403-427

STRAMANDINOLLI, A. L. M.; REMONTE, J. G.; MARCHETTI, P. H. (2012). Parkour: História e conceitos da modalidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 2.

SILVA, T. M.; COSTA, A. M.; CARVALHO, J. L. F. (2011) Resistência ao Consumo em um Circuito Urbano do Parkour. **Revista Comunicação, mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 22.